



Adolescência Uso e abuso de drogas: uma visão integrativa

Eroy Aparecida da Silva e Denise de Micheli
FAP-Unifesp, 792 págs. 2011, R\$ 100,00

No Brasil substâncias como maconha e cocaína são ilegais e existe idade mínima para compra de tabaco e bebidas alcoólicas, sem dizer que determinados medicamentos exigem receita médica para serem comprados. Mas, ainda assim, problemas relacionados a drogas ilícitas são uma trágica realidade, com elevado custo socioeconômico.

Considerando que o grupo populacional mais atingido, no caso de substâncias ilegais, são os adolescentes e que o consumo delas por essa faixa etária é cada vez mais precoce, as pesquisadoras Denise de Micheli e Eroy Aparecida da Silva reuniram reflexões de colegas brasileiros e estrangeiros, de diferentes áreas afins, e, em *Adolescência – Uso e abuso de drogas: uma visão integrativa*, oferecem uma abordagem ampla e profunda desse tema.

Dividido em quatro módulos, que não necessariamente devem ser lidos em sequência, o livro oferece um panorama geral sobre adolescência, diagnóstico do uso de drogas, fatores que levam à experimentação e à dependência e prevenção e tratamento. A abordagem inclui mesmo um caso que não se relaciona especificamente a substâncias químicas, mas ao vínculo negativo de tecnologias recentes como a internet.

O enfoque adotado permite o afloramento de diferentes pontos de vista, diversidade de conceitos e, ao mesmo tempo, uma interligação clara e promissora sobre a natureza complexa do tema, isento de tabus, preconceitos e simplificações fáceis.

Com uma postura inovadora, em um dos capítulos é analisada, por exemplo, a estrutura das famílias do chamado pós-modernismo – no sentido de uma época em que são considerados normais, e quase inevitáveis, comportamentos como a dissolução de casamentos, – como ponto de partida para a compreensão de possíveis razões de iniciação no universo da dependência por parte dos jovens. Em muitos casos essa situação, seguramente, está ligada ao divórcio dos pais e à ruptura afetiva que essa situação de conflito produz.

A preocupação em entender como a dependência afeta a vida dos adolescentes e os motivos pelos quais ela se desenvolve faz com que determinadas situações sejam devidamente ajustadas entre si para revelar um quadro que, de outra maneira, seria ininteligível. Nos adolescentes, entre outras características, o sistema nervoso central ainda não está completamente desenvolvido. Isso implica que conexões sinápticas responsáveis pela recompensa e busca de novidades estão em estágio hiperativo, ao mesmo tempo que o sistema de inibição comportamental é hipoativo e o processo regulatório está em adaptação. Esses fatores neurobiológicos fazem com que as sensações de prazer pareçam mais intensas entre os jovens, aumentando o risco de dependência por reforço positivo. Pelo fato de as substâncias químicas ampliarem a sensação de bem-estar, ao mesmo tempo que camuflam sentimentos de insegurança e baixa autoestima, muitos adolescentes se apoiam nelas e nunca

desenvolvem as habilidades necessárias para enfrentar situações de conflito. A não superação desse estágio mantém o ciclo de abuso em aberto e a não compreensão desse mecanismo compromete muitas das iniciativas de tratamento do complexo processo de dependência.

Um tipo de dependência pouco investigada e não relacionada a substâncias químicas está, surpreendentemente, relacionada à internet e aos jogos eletrônicos. Pelo fato de essa situação ter origem tecnológica relativamente recente (ao contrário da substância química tradicional que se intensificou a partir da segunda metade do século passado), os conceitos ainda não estão totalmente consolidados. Isso faz com que não haja dados específicos para avaliar essa situação. De qualquer maneira, pesquisas feitas com uso de neuroimagem apontam que após um período de jogos virtuais na rede a quantidade de dopamina extracelular no núcleo *accumbens* aumenta significativamente. E, por mais surpreendente que possa parecer à primeira vista, esse é um efeito muito semelhante ao provocado pelo uso de anfetaminas, por exemplo. Como em casos de dependência não só a vítima sofre as consequências, mas também familiares e amigos, esse sofrimento acaba ampliado e chega a situações críticas em casos, por exemplo, de morte por overdose. A frequência com que essas cenas ocorrem levou os autores a dedicar um capítulo específico sobre essa situação.

Ainda que existam muitas outras publicações sobre adolescência e dependência química ou tecnológica, a abordagem multidisciplinar oferecida por essa obra faz com que ela rompa com limitações convencionais e abra um espaço novo de interpretação indispensável à promissora abordagem desse desafio que, com a irrupção recente do crack, tornou dramática uma situação que sempre foi preocupante em termos de saúde pública. Estatísticas apontam que no Brasil perto de 70% dos jovens menores de 18 anos já consumiram álcool. O preocupante é que a média etária do primeiro cigarro e do primeiro contato com solventes como cola e lança-perfume é de apenas 13 anos. Essa realidade, bem como as interações (nas quais os envolvimento com crack respondem por 70% dos casos) e a constante perda de jovens para o tráfico, é preocupante, e, se não for revertida, deve levar a uma situação ainda mais dramática. – *Débora Queiroz dos Santos*